

SOFRER, PARA QUÊ? UM ENSAIO SOBRE O SOFRIMENTO NO PENSAMENTO DE C. S. LEWIS

Gabriele Greggersen¹

RESUMO

Qual a atualidade e como deve ser entendida uma das principais obras de C.S. Lewis, *O Problema do Sofrimento*, nos dias de hoje? Essa é a questão básica do artigo, que debate a pergunta central do livro: Se Deus existe e é bom, por que há tanto sofrimento nesse mundo? A resposta envolve a questão do livre arbítrio e da impossibilidade, mesmo para um Deus onipotente, de infringir as suas próprias leis, que são intuídas, mas inalcançáveis para os humanos. Além do livre-arbítrio e da questão da onipotência, o artigo trata da bondade de Deus em Lewis e como ela pode ser conciliada com o sofrimento, além do tema da moral. Para aprofundar as ideias do autor nesse livro, estaremos fazendo paralelos entre o mesmo e outras obras e cartas de Lewis.

Palavras chave: Sofrimento, livre arbítrio, bondade de Deus.

ABSTRACT

Which is the relevance and how should one of the major works of C.S. Lewis, *The Problem of Pain*, be understood nowadays? This is the basic question of the article, which discusses the central question of the book: If God exists and is good, why is there so much suffering in the world? The answer involves the question of free will and the impossibility, even for an omnipotent God, to break His own laws, which are intuited, but unattainable for humans. In addition to the free will and the subject of His omnipotence, the article addresses the goodness of God in Lewis and how it can be reconciled with the suffering, besides the theme of morality. To deepen the ideas of the author in this book, we will be establishing parallels with other works and letters of C.S. Lewis.

Keywords: Suffering, Free Will, God's goodness.

INTRODUÇÃO

Escrito em 1940, onze anos depois de sua conversão ao teísmo, alguns anos após sua conversão ao cristianismo e bem antes de Nárnia, *O Problema do Sofrimento* (LEWIS, 2006 a) é, na rica constelação de obras lewisianas, um dos seus maiores *clássicos* teológico-apologéticos do século XX.

Esse livro tornou-se a primeira de uma série de obras de doutrina cristã destinadas ao público leigo e foi escrito bem antes do encontro de Lewis com Joy, com a qual se casou (e que morreu de câncer poucos anos depois, história esta relatada no filme *Shadowlands - Terra das Sombras*, estrelado por Anthony Hopkins). O tema era tão entrelaçado à trama da história de vida do autor que lhe permitiu retomá-lo em *Anatomia de uma Dor* (LEWIS, C.S., 2006 c), uma de suas últimas obras, inicialmente publicada com pseudônimo. Muitos concluíram, a partir desse livreto publicado inicialmente sob um pseudônimo, que Lewis tivesse perdido a fé, dados os seus ataques contra Deus, que chama de “carrasco divino”. No entanto, quem o lê em profundidade fica impressionado com a coerência do autor consigo mesmo e com as Escrituras, particularmente os livros de Jó e de Lamentações (o livro do “profeta chorão”).

Considerando a história de vida de Lewis, entendemos porque a temática do mal permeia todo o seu legado de obras, ficcionais ou não. Mas em *O Problema do Sofrimento* (LEWIS, 2006 a), ele torna isso mais explícito do que nunca, usando palavras que já eram *tabus* na sociedade moderna, que continuam erigidos na pós-moderna: o *pecado*. De acordo com Bacz (1999, *online*), só isso já faz valer a pena ler o livro. Longe de estar superado, hoje em dia esse debate é ainda mais difícil e ao mesmo tempo mais pungente do que na época da Segunda Grande Guerra Mundial. Vivemos uma crise ética e moral profunda. Mas as Escrituras não nos autorizam a deixarmos de lutar pela instauração do bem, mesmo em um mundo tão violento e imoral quanto o nosso.

Por que considero *O Problema do Sofrimento* (LEWIS, 2006 a) um dos mais importantes livros de C.S. Lewis para a atualidade? A principal razão é elucidada pelo próprio Lewis: o fato de que o mal e o sofrimento são os principais argumentos de ateus e pessoas que descreem do Evangelho contra o cristianismo. Mais do que nunca, os movimentos ateus insistem em explorar esse ponto. Como pode existir um Deus (supostamente) bom e perfeito, ao mesmo tempo em que observamos tanto sofrimento, dor, injustiças, guerras e males neste mundo por Ele criado para ser perfeito? E, se Ele existe, devia poder impedir o sofrimento. Ou então, deve ser um deus mal ou impotente.

O argumento central de Lewis contra essas suposições é que Deus é onipotente, sim, mas não agiria contra a natureza por Ele mesmo criada. Violar a liberdade de sua criatura seria uma dessas “infrações” que não combinam com a essência e os propósitos divinos. Lewis aprofunda essa ideia em *Cristianismo Puro e Simples* (LEWIS, 1997) e em *A Abolição do Homem* (LEWIS, 2005), afirmando que tal essência segue regras que não podemos reconhecer completamente, mas que podemos intuir, de modo semelhante ao que acontece com as regras da matemática.

É claro que essa regra do bom-senso ou *Tao*, como ele a chama em *Cristianismo Puro e Simples* (LEWIS, 1997), está mais bem explicitada na Bíblia, mas ela emana de toda a criação desde o princípio dos tempos e, mais ainda, desde a queda. Como elucida Bacz (1999, *online*), uma das regras observadas por Deus é a do *sentido* ou da *não contradição*:

Ele começa pela ideia de Deus como Todo-poderoso. Qual o sentido da Onipotência de Deus? Será que ele pode fazer o que bem entende? Sim, tudo exceto o impossível intrínseco. Você pode lhe atribuir milagres, mas não o absurdo, pois Ele segue as suas próprias regras. Indo mais a fundo nessa ideia da Onipotência Divina, Lewis construiu um universo próprio: um universo no qual *almas* livres, ou talvez, como costumamos dizer nos dias de hoje, de pessoas capazes de se comunicar. Nesse processo, ele descobre que:

Devemos, pois, usar de grande cautela ao definir essas impossibilidades intrínsecas que nem mesmo a Onipotência pode realizar. O que segue deve ser considerado menos uma afirmativa do que elas são e mais uma amostra de como elas podem ser. As inexoráveis “leis da Natureza”, que operam a despeito do sofrimento ou do merecimento humano e que não são afastadas pela oração, parecem, à primeira vista, fornecer um forte argumento contra a bondade e poder de Deus. Pretendo alegar que nem mesmo a Onipotência poderia criar uma sociedade de almas livres sem ao mesmo tempo criar uma Natureza relativamente independente e “inexorável” (LEWIS, 2006 a, pg. 35-36).

Ou seja, a liberdade das almas implica numa ordem natural (que diz por exemplo, que todo o ser morre mais dia menos dia, e que todo parto envolve dores), e, com ela, possibilidade, ainda que não na necessidade, do mal e do sofrimento (cf. Romanos 8. 18-19) “Tente excluir a possibilidade de sofrimento implicada pela ordem da natureza pela existência do livre-arbítrio e você descobrirá que excluiu a própria vida” (LEWIS, 2006 a, p. 42).

Assim, o universo como o conhecemos, pode muito bem ser produto de um criador sábio e onipotente, apesar do sofrimento que nele se observa. Partindo do pressuposto de que em Deus não pode haver

contradição, o projeto de Lewis nesse livro é

(...) descobrir como, percebendo um mundo de sofrimento e estando certos, a partir de fundamentos bem diversos, de que Deus é bom, como devemos conceber essa bondade e esse sofrimento sem contradição (LEWIS, 2006 a, p. 44).

Em seguida, Lewis parte para a definição de bondade.

Mais do que nunca tendemos hoje a confundir o “bem” com o “conveniente”, o “prático”, o “cientificamente comprovado” ou o simplesmente “interessante” ou “popular”. *The show must go on!* – dizem os que sofrem hoje, rangendo os dentes e aparentando ter tudo “sob controle”. Estamos à milhas de distância da compreensão do sentido mais profundo do bem e do mal, a mesma distância em estamos dos tempos do Éden e da queda.

A bondade de Deus é confundida com “gentileza” ou “favores”, principalmente voltados para a vida financeira. Muitas igrejas exploram ao máximo essa área, fazendo a “espiritualidade” ser equipara à “prosperidade”. Ao invés de um pai, que ama quando corrige, queremos um avô, que paparica seus netos. Lewis afirma sem pruridos que a bondade e amor de Deus *incluem* o sofrimento circunstancial, precisamente pelo estado decaído deste mundo, numa visão mais abrangente ou transcendente da história. Como comenta Bacz (1999, *online*), só mesmo quem leu Agostinho é capaz de compreender essa verdade com todas as suas implicações sobre o saber e o fazer humanos.

Um exemplo disso é a forma preconceituosa com a qual a modernidade tratou os povos chamados “primitivos” que, do ponto de vista cristão, jamais poderiam ser considerados inferiores aos “civilizados”. “Não existem pessoas ordinárias” (tradução da autora), afirma ele em *The Weight of Glory* [O Peso da Glória] (LEWIS, 1980), levando a noção de criação às últimas consequências para a humanidade. Infelizmente o cristianismo institucionalizado e politizado contradiz a não aceção de pessoas diante de Deus, já anunciada no Antigo Testamento. Do ponto de vista evangelístico, Lewis considera os pagãos espiritualmente menos “contaminados” pelos vícios modernos, e por isso mais acessíveis à boa nova.

Para compreendermos melhor essa aparente contradição, Lewis propõe discutir o tema da moral a partir de três categorias:

(1) o simplesmente bom que descende de Deus, (2) o mau, simples produzido pelas criaturas rebeldes e (3) a exploração do mal por Deus para

fazer cumprir seus desígnios redentores, o que produz (4) o bem complexo gerado pela aceitação do sofrimento e o arrependimento do pecado (BACZ, 1999, *online*).

Esse autor frisa ainda que um dos maiores aprendizados, e assim, benefícios que o sofrimento pode (paradoxalmente) trazer é abrimos mão de nossa autossuficiência e deixarmos-nos ser usados por Deus para a realização do seu propósito maior, que aceitamos pela fé. É assim que nos tornamos co-criadores deste mundo, participando efetivamente do Seu Plano de Resgate do mesmo e, assim, das garras do tirano que nos escraviza desde a queda, sem que ele se dê conta disso.

Assim, gradativamente *O Problema do Sofrimento* (LEWIS, 2006 a) nos faz ver sentido no sofrimento e a lógica moral e racional da obra de Deus neste mundo. Além de voltarmos a ter esperança e força para nos erguermos das fases e situações de sofrimento, Lewis desperta em nós o desejo pelo ‘Lar Perdido’ no qual já começamos a morar. Ele nos devolve a cidadania espiritual que o sofrimento nos faz ver ameaçada. A ameaça não está do lado de Deus, mas do nosso: nós é que somos o elo fraco no processo, não Deus. Portanto, jamais teremos como culpar Deus pelo mal que há no mundo, mesmo porque, como Lewis sugere por toda a sua obra de ficção e teológica, em última instância o mundo não é mal, só está mal, é diferente! Lewis deixa claro que Deus vai fazer cumprir o seu desígnio através de criaturas boas ou más. Resta a nós preferirmos servir a Ele “pelo amor ou pela dor”. Ao mesmo tempo em que somos os únicos responsáveis por esse processo, não somos as suas únicas vítimas. Deus mesmo se fez vítima no nosso lugar, mesmo não tendo necessidade para tanto. Assim o mistério do mal é o primeiro passo rumo à compreensão do mistério da cruz. E a abnegação do nosso *self* se torna o primeiro passo para a descoberta do nosso *self* verdadeiro – ou aquele que Deus originariamente “bolou” na criação – e para a autorrealização. Tornando-nos cristãos, ou seja, imitadores de Cristo e verdadeiros cristos, nos tornamos mais nós mesmos, num processo de aprimoramento na fé.

Ao longo desses anos de pesquisa a respeito da vida e obra de C.S. Lewis, tenho me convencido cada vez mais de sua atualidade. Ela é frisada por biografias excelentes como a de Peter Kreeft (1994), entre outros.

Mas para entender em profundidade o elo que une o clássico, *O Problema do Sofrimento* (LEWIS, 2006 a), ao breve *Anatomia de uma Dor* (LEWIS, 2006 c) e toda a sua obra até o seu último livro, publicado postumamente, *Oração: Cartas de Malcolm* (LEWIS, C.S., 2009),²

é preciso ler a sua extensa correspondência.

Apesar de ter confessado que escrever cartas não era exatamente o que mais gostava de fazer, Lewis produziu milhares delas, em parte porque também recebia inúmeras. Com algumas pessoas ele manteve uma correspondência fiel literalmente até a morte, como com a misteriosa Senhora Americana (conf. *Cartas a uma Senhora Americana*, LEWIS, C.S., 2006 b). A troca de cartas entre eles começou em 1950 e durou até a morte de Lewis em 1963. O tom usado por ele é sempre o de mentor, conselheiro, *tutor* ou alguém que se identifica com as dores do outro, sendo sensível a elas (mesmo no caso de uma mulher) e a encorajando a não desistir.

É claro que Lewis não é nenhuma exceção à regra do crescimento espiritual, sendo acusado, principalmente em seus primeiros escritos, de incorporar alguns preconceitos comuns na sociedade, como os de gênero e raça.

Porém, logo na primeira carta a essa senhora, ficamos sabendo que ela era católica, para o que LEWIS demonstra um espírito não discriminatório em frases como: “embora o caminho que a senhora tomou não seja o meu, estou em condições de cumprimentá-la – talvez seja porque sua fé e sua alegria aumentaram de forma tão evidente” (LEWIS, 2006 b, p. 15-16). O mesmo também foi provado no seu relacionamento com o melhor amigo, J.R.R. Tolkien, que não só era católico, mas também teve um papel fundamental na sua conversão ao cristianismo.

Ele explica:

Acredito que, no atual estado de divisão da Cristandade, as pessoas que estão no centro de cada divisão estão mais próximas uma das outras que as que estão nos extremos. Eu estenderia essa afirmação para além do Cristianismo: temos muito mais em comum com o judeu e o muçulmano *autênticos*, que com qualquer infeliz liberalizante e ocidentalizado membro desses dois grupos (LEWIS, 2006 b, p. 11-12, de 10.11.52).

Nessas cartas, temos versões resumidas de suas principais teses e sua evolução ao longo do tempo. Topamos com frases impressionantes por sua simplicidade, como: “É claro que todos aprendemos sobre o que fazer com o sofrimento – oferecê-lo em Cristo a Deus, como nossa pequeníssima participação no sofrimento de Cristo – mas é tão difícil fazer isso! Para mim, infelizmente, acho que é mais fácil imaginar do que realmente *viver* isso” (LEWIS, 2006 b, p. 69).

A prova de fogo para pôr em prática a teoria de Lewis de que o sofrimento é o “megafone de Deus para despertar um mundo surdo” (LEWIS, 2006 a, p. 106) (tão frisada no filme *Terra das Sombras*³), viria após o diagnóstico de câncer em Joy e seu casamento (primeiro civil, depois, contra todas as regras da igreja anglicana, também no religioso) com o que ele chamou de uma “moribunda”. Mas ele confessa que a doença dela, embora fosse atrativa para um poeta de certa forma trágico, apenas apressou e incentivou algo que aconteceria de qualquer forma. Ela acabou se recuperando e tiveram alguns bons anos de convívio antes de seu falecimento.

Depois de anunciar a morte da esposa e de dizer que o único consolo que lhe resta é o seu enteado mais novo, ele diz: “Sobre como suporte o sofrimento, a resposta é: ‘De quase todas as formas possíveis’. Porque, como você talvez saiba, não se trata de um estado, mas de um processo” (LEWIS, 2006 b, p. 113).

Precisamente nos momentos em que mais necessitamos de Deus, diz Lewis, Ele nos parece mais distante, ao passo que quanto mais pranteava a morte da esposa, mais se distanciava dela. Todo o seu dramático processo de penar e as suas lamentações diante de Deus devido à morte de Joy encontram-se descritos em *Anatomia de uma Dor* (LEWIS, 2006 c).

Ainda em *Cartas a uma Senhora Americana*, Lewis retoma uma ideia de *O Problema do Sofrimento* (LEWIS, 2006 a), de que “a parte amorosa do sofrimento é boa e tem efeitos purgatórios, ao passo que a parte raivosa é ruim e infernal... O coração humano (pelo menos o meu) é ‘desesperadamente mau’” (LEWIS, 2006 b, p. 114-115). Daí que, como destacam Moreland e Craig (2005), a problemática da morte para o cristão protestante não gira em torno da dúvida a respeito do purgatório, e sim, de como conciliar a bondade de Deus com o sofrimento que há no mundo.

Essa discussão já estava presente em num dos primeiros e principais clássicos apologéticos de Lewis, *Cristianismo Puro e Simples* (LEWIS, 1997), publicado em 1943, baseado em palestras radiofônicas anteriores. Discute-se ali uma determinada Lei Moral que rege o universo e a que todos têm acesso, o que nos torna indesculpáveis e corresponsáveis pelo sofrimento que há no mundo. Daí a importância do aprendizado. Pelo menos a princípio aprendemos a mudança de comportamento por *mimese* ou pela imitação de bons modelos que nos foram passados, para depois nos apropriarmos daquele comportamento como sendo nosso.

Em *Anatomia de uma Dor* (LEWIS, 2006 c), depois de chamar Deus de “palhaço”, “sádico cósmico” e dentista ou veterinário, metáforas já usadas anteriormente em *O Problema do Sofrimento* (LEWIS, 2006 a), e de questionar o *consolo* que a religião possa trazer, Lewis conclui:

Duas convicções diversas a respeito do todo me pressionam cada vez mais o espírito. Uma é a de que o Veterinário Eterno é ainda mais inexorável; a outra, de que as possíveis operações ainda sejam mais dolorosas do que nossas elucubrações mais graves podem prever; mas há outra, segundo a qual “tudo acabará bem...” As imagens do Sagrado facilmente se tornam imagens sagradas – sacrossantas. Minha ideia de Deus não é uma ideia divina. Ela deve ser despedaçada. Ele próprio a despedaça. Ele é o grande iconoclasta (LEWIS, 2006 c, p. 81-82).

Encerramos essa nossa reflexão com uma carta não publicada, escrita poucos meses antes da sua morte e que resume todo o pensamento do autor sobre o assunto:

Imagine-se como sementinha pacientemente hibernando enterrada na terra; à espera do afloramento no tempo que o jardineiro achar melhor, para o mundo real, para o verdadeiro despertar. Suponho que toda a nossa vida presente, quando olharmos para trás, a partir daí, não parecerá mais do que um devaneio sonolento. Este é o mundo dos sonhos. Mas o galo está para cantar. E está mais próximo agora do que quando eu comecei a escrever esta carta.

LEWIS, 1980, p.187, tradução nossa

REFERÊNCIAS:

- BACZ, Jacek. “C.S. Lewis: The Problem of Pain.” *The Newman Rambler* (Spring 1999): 23-28.
- KREEFT, Peter. *O Diálogo*. Tradução: Wanda de Assumpção. São Paulo: Mundo Cristão: 1986.
- KREEFT, Peter, C. S. *Lewis For The Third Millenium. Six Essays On The Abolition Of Man*. San Francisco, CA: Ignatius, 1994.
- LEWIS, C.S. *Cristianismo Puro e Simples*. 5a. ed., São Paulo: ABU, 1997.
- LEWIS, C.S. *O Problema do Sofrimento*. São Paulo: Vida, 2006 (a).
- LEWIS, C.S. *Crônicas de Nárnia*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

LEWIS, C.S. *A última Batalha*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
LEWIS, C.S. *Cartas de um Diabo a seu Aprendiz*. Tradução: Mateus Sampaio Soares de Azevedo. Petrópolis: Vozes, 1996.
LEWIS, C.S. *A Abolição do Homem*. Tradução: Remo Mannarino Filho. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
LEWIS, C.S. *Cartas de uma Senhora Americana*. São Paulo: Vida, 2006.
LEWIS, C.S. *Anatomia de uma Dor*. São Paulo: Vida, 2006 (c).
LEWIS, C.S. *Oração: Cartas de Malcolm*. São Paulo: Editora Vida, 2009.
LEWIS, C.S. *A Mind Awake: an anthology of C.S. Lewis* (ed. Clyde Kilby), Harcourt Brace (Harvest), 1980.
LEWIS, C.S. *The Weight of Glory*, New York: Collier, 1980.

¹ É graduada em Pedagogia, mestre e doutora em História e Filosofia da Educação. Pós-doutora na área de História das Ideologias e Mentalidades da Cultura Urbana. Doutoranda em estudos da tradução.

² No original, *Letters to Malcolm, chiefly on Prayer*. Escrevi um capítulo sobre esse livro em *O Evangelho de Nármia* (Editora Mundo Cristão³).

³ A frase tanto repetida no filme – como se Lewis só tivesse um e o mesmo discurso para quaisquer públicos – é justificada da seguinte forma: “*God whispers to us in our pleasures, speaks in our conscience, but shouts in our pains: it is his megaphone to rouse a deaf world*” (Deus nos sussurra em nossos prazeres, fala em nossa consciência, mas brada em nossos sofrimentos; o sofrimento é o megafone de Deus para despertar um mundo surdo. LEWIS, 2006 a, p. 105-106).